

V!RUS

revista do nomads.usp
nomads.usp journal
ISSN 2175-974X
CC BY-NC

a cidade e os outros
the city and the others
SEM1 2013

FELIZ CIDADE PARA VOCÊS TAMBÉM

LINEU CASTELLO

Lineu Castello é Arquiteto e Urbanista; Mestre em Design Urbano e Planejamento Regional; Doutor em Arquitetura e Professor Titular em Urbanismo. Autor dos livros *Rethinking the Meaning of Place*; A Percepção de Lugar e Repensando o Conceito de Lugar em Arquitetura-Urbanismo. Editor consultor da Enciclopédia da Cidade (N. York: Routledge). Ganhador do *Gerd Albers Award* ISOCARP. Pesquisador do CNPq e Professor-Convidado da Pós-Graduação do curso de Arquitetura da UFRGS e UniRitter/Mackenzie.

Como citar esse texto: CASTELLO, L. FELIZ CIDADE PARA VOCÊS TAMBÉM. V!RUS, São Carlos, n. 9 [online], 2013. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/_virus09/secs/invited/virus_09_invited_2_pt.pdf>. [Acessado em: dd m ano].

Resumo

Objetivando teorizar sobre a contemporaneidade das cidades, focando-a sob a ótica do convívio – e dos lugares de convívio – entre os cidadãos, o texto contempla idiosincrasias exemplarmente representativas dos ambientes construídos contemporâneos, como: a atratividade das cidades e seu empenho pela oferta de felicidade; a polissemia sempre crescente imiscuindo o que é público com o que não é público no urbano contemporâneo; e a estruturação urbana composta por heterotopias fragmentárias que compreendem uma multiplicidade de atores. Da apreciação dessas características, de sua combinação e, principalmente, das inquietações que provocam no âmbito da curiosidade das pesquisas urbanas, o texto desenvolve ideias sobre o papel das relações interpessoais no contexto das cidades e seus resultados como geradoras de lugares de urbanidade.

1. Teorizando sobre a contemporaneidade das cidades. A metrópole contemporânea e o enfoque da estrutura urbana fragmentada

Teorizar sobre a contemporaneidade das cidades, como presentemente tentamos fazer no Laboratório no Mestrado em Arquitetura-Urbanismo, é altamente tentador. E muito – grandemente – desafiador. Sorte que um dos entendimentos atuais de metrópole fragmentada, como o de David Grahame Shane (2011), acabe atenuando um pouco essa dificuldade, ainda que a mascare por trás de uma óptica levemente roseada, empalidecendo os estragos, comumente associados à fragmentação do ambiente construído urbano. Shane discorre com destemor sobre os antecedentes da metrópole fragmentada, tanto de suas causações econômico-financeiras, quanto de hipóteses sobre suas novas configurações morfológicas arquitetônico-urbanísticas. Sobre os primeiros, lança uma interpretação bastante coerente com respeito às flutuações do capitalismo contemporâneo, quando relaciona “(...) a fragmentação urbana ao colapso do moderno sistema financeiro de Bretton Woods, baseado nos estados-nações, e sua substituição por um novo sistema de corporações globais que buscam incessantemente o lucro, mas depois enfrentam o problema de investir o que lucraram em enclaves urbanos que demonstrem confiabilidade de que preservarão esses valores”¹ (SHANE, 2011:194). A eles, acrescenta antecedentes disparados pelo sucesso de novos empreendimentos de desenho urbano, como o *Battery Park City* em Nova York (de Stanton Eckstut e Alexander Cooper), muitos dos quais se fazem acompanhar pelas políticas de ‘distritos especiais’ (‘special districts’), onde, “Na Grã-Bretanha de Mrs. Thatcher e na América de Ronald Reagan, tornou-se viável a inserção de grandes fragmentos urbanos”² (SHANE 2011:194). E quanto aos antecedentes associados a questões morfológicas, aponta como decisivo o papel representado pela publicação de obras como *Collage City* (ROWE and KOETTER, 1978), que propunham uma configuração urbana mais livre “(...) onde múltiplos atores

¹ “(...) the urban fragmentation to the collapse of the modern Bretton Woods financial system based on nation states, and its replacement by a new system of global corporations that relentlessly sought profits but then had the problem of investing that profit in safe, urban enclaves to preserve its value.”

² “In Mrs Thatcher’s Britain and Ronald Reagan’s America, huge urban fragments became feasible.”

urbanos ficaram livres para construir seus projetos utópicos, fragmentados”³ (SHANE, 2011: 203). Essas ideias acabaram endossando as libertárias visões a respeito da força de um desenho urbano fragmentário, cujos fundamentos teóricos haviam sido trazidos à luz pioneiramente por arquitetos como Kevin Lynch e Gordon Cullen. Ao se avizinharem as décadas finais do século XX já se havia definido “(...)uma nova ordem nos projetos globais de desenvolvimento, em conjunto com agências estatais independentes capazes de ajudar em ações de financiamento e projeção (empregadas, por exemplo, em Canary Wharf, Londres, Potsdamer Platz, Berlim, ou Pudong, Xangai, nos anos 1990s(...))”⁴ (SHANE, 2011:200). (Figuras de 1 à 4).



Figura 1. Canary Wharf, Londres, sofreu um revés inicial, mas agora segue em sua consolidação com decisivo vigor. *Foto: Autor*

³ “(...) where multiple urban actors were free to build their fragmentary, utopian designs.”

⁴ “(...) the new norm of global development, along with independent state authorities that could aid development and finance (used, for instance, at Canary Wharf, London, Potsdamer Platz, Berlin or Pudong, Shanghai in the 1990s(...)).”



Figura 2. Berlim. Renascida dos escombros da guerra, Potsdamer Platz é agora um pujante lugar de urbanidade. *Foto: Autor*



Figura 3. Berlim. O setor a cargo da Sony Corporation na Potsdamer Platz não faz feio junto ao KulturForum modernista de sua vizinhança. *Foto: Autor*



Figura 4. Do recente cultivo agrícola à exuberância das torres icônicas, o fragmento do Pudong experimenta o efeito *superbonder* da Mac's em seu processo de colagem ao tecido de Xangai. Foto: Autor

É dentro de um enfoque de uma estrutura urbana assim fragmentada – enfoque que anda permeando de forma quase oportunista o raciocínio hipotético adotado no Laboratório – que se abriga uma leitura audaciosa sobre a forma da metrópole hodierna, interpretando-a através da ideia de que seus fragmentos possam remeter a representações de *lugares urbanos* inventados e que o efeito dos outros nesses lugares ajudem a colar os fragmentos.

Há indicadores óbvios dessa possibilidade e a maioria deles ocorre na dimensão espacial, como no caso da indiscutível aceitação pelos nova-iorquinos da inserção do Battery Park City. Existem relações com outras dimensões, é verdade, mas a maior parte delas se expressa em termos da configuração morfológica associada a fatores socioeconômicos. Desperta profundamente os interesses da pesquisa urbana, entretanto, a que talvez seja a mais crucial dessas mudanças – a da dimensão psicológica – aquela que está a afetar substancialmente a existência humana no urbano: a

inconfortável sensação de *estranheza* a que hoje se vincula a experiência urbana. *Urbanitas* – denominação com que dicionários brasileiros, como Houaiss e Aurélio, já empregam para designar ‘que ou quem reside em cidade’ – estão cada vez mais sujeitos à percepção de uma estranheza a emanar do cotidiano de suas vidas nas cidades: “a tua cidade não é a minha cidade” parece ser um sentimento a escoar dramaticamente dos contatos sociais urbanos experimentados cotidianamente em nossas urbes. Óbvio, isso não é o que nossos antepassados arquitetonômicos desejariam como herança das ações de Urbanismo exercitadas em épocas anteriores – e tampouco é o que colocamos como meta para o futuro dos nossos meios urbanos. Como arquitetos-urbanistas, o que podemos almejar – e desenhar, e planejar – é tentar fazer com que as cidades consigam oferecer *lugares* dotados de qualificações para todos, onde todos e cada um possam gozar de benefícios *tanto físicos quanto psicológicos*. Ou, mais coerentemente com o que permeia subliminarmente o presente texto, dotados de circunstâncias ambientais onde as pessoas possam sentir e vivenciar o significado de um *lugar de urbanidade* (CASTELLO, 2010), onde o convívio com os outros se torna sua essência.

2. Contribuições trazidas por outras áreas disciplinares que não da esfera de Arquitetura-Urbanismo. Variações na *teoria de lugar* e a atratividade das cidades

Enquanto os economistas de hoje trombeteiam sobre o ‘triunfo da cidade’ (GLAESER, 2011) em seus best-sellers e urbanistas nos assustam com a morte da cidade (CHOAY, 1994) nas exposições que apoiam, arquitetos ironicamente nos alertam sobre o “projeto para o que costumava ser a cidade”⁵ (KOOLHAAS et al, 2002) e até biólogos produzem narrativas sobre um certo *transurbanismo* – o urbanismo da era da globalização – no qual o “(...) desafio do projeto nesse contexto é, em vez de tentar criar um único domínio público, criar uma atmosfera para o estabelecimento e coexistência

⁵ “(...) the project for what used to be the city.” (Título da famosa obra da equipe de Rem Koolhaas, *The Harvard Design School Guide to Shopping*).

de uma diversidade de domínios públicos”⁶ (MULDER, 2002:10). Isto porque a cidade do tal transurbanismo se materializaria por uma concatenação de variadas ‘localidades’ onde diferentes culturas ou contextos se grudariam por vias midiáticas. Com isso, será que deveremos esquecer a tradicional definição de cidade, e partir para novas ideias teóricas de desenho urbano que consigam absorver mais confortavelmente as mutações morfológicas pelas quais passa a presente ‘metrópole fragmentada’? Ou, quem sabe, talvez se torne mais prudente cogitar sobre algum possível gerenciamento de uma eventual *rede estruturada de lugares urbanos* (CASTELLO, 2007) ou de ‘localidades’ urbanas configuradas como o que se entendia por cidade? Ou, ainda, tentar endossar padrões ditos globais de cidade, aos quais nos aludem sociólogos contemporâneos (SASSEN, 2001) e que reforçam o poder de lugar no entendimento do que seja uma cidade global? Ou, enfim, em última instância, refletir sobre a necessidade de desenvolver reflexões mais elaboradas sobre o enunciado de princípios filosóficos conducentes a um *Novo Urbanismo* (ASCHER, 2004)?

O desânimo, obviamente, não vale como alternativa escolhida.

Graças a contribuições conceituais trazidas assiduamente de outras disciplinas que não a Arquitetura-Urbanismo, já é possível perceber alguma movimentação mais animadora no sentido de elaborações a respeito de teorizar-se a contemporaneidade da cidade. E não só da cidade. É igualmente importante assinalar que nessa movimentada virada de século (e de milênio) consideráveis variações estavam do mesmo modo ocorrendo em outras conceituações também tradicionais, como, por exemplo, a de *lugar*, um conceito sabidamente transdisciplinar e de larga aplicação na disciplina arquitetônico-urbanística. Entre as mais notáveis variações, vale lembrar que lugar teria adquirido significados que acabaram por estender de maneira tão ampla a abrangência do conceito, que viabilizaram sua aplicação até como uma arguta metáfora para a própria *cidade*, dadas as inúmeras *espacialidades* com as quais o conceito conota. São igualmente numerosos os entendimentos acrescidos a *lugar* nas diversas áreas do

⁶“(…) design challenge in this context is, instead of trying to create a single public domain, to create an atmosphere for the establishment and coexistence of a diversity of public domains.”

conhecimento, a começar pelos formidáveis avanços alcançados na interpretação que a área da Filosofia dá a lugar (ver CASEY, 1998), que, ao se somarem às mudanças experimentadas pelo conceito em nossa própria área de Arquitetura-Urbanismo, fazem que nela lugar adquira uma conotação agora substancialmente *existencial*, além de sua mais corrente interpretação *funcional* (CASTELLO, 2007).

Persiste, porém, uma incômoda incógnita: *como* dirigir essas colaborações, tornando-as mais conformes com os fenômenos comportamentais que estão a reger a contemporaneidade de nossa sociedade?

Sempre alguma luz poderia advir do acompanhamento de posturas adotadas por cidades paradigmáticas – como Londres, Paris ou Nova York – de modo a apreciar seus movimentos, ao tentarem se consolidar como metrópoles globais, ao longo de seu constante empenho por pensar as feridas dos tecidos fragmentados.

Globais, e felizes.

Sim, porque por mais desconcertante que possa parecer nos tempos presentes, desponta nessa luta, mesmo naquelas metrópoles mais consolidadas, uma persistente busca por alguma fagulha de *felicidade*.

Indícios para isso existem e são suficientemente reveladores. Um deles, bastante sintomático, aliás, é levantado pela realização anual de concorridas 'International Conferences on Urban Planning and Regional Development in the Information Society' (REAL CORP – presentemente em sua 18ª edição, a realizar-se em maio de 2013, em Roma). Ainda que essas reuniões abordem temáticas sempre desafiadoras e atuais, quando da realização do REAL CORP 2010, em Viena, foi escolhida como convocação uma discussão muito particular, em torno de uma pauta assaz estimulante: '*idades são atraentes!*'⁷. Intitulado 'Cidades para todos. Habitáveis, saudáveis, prósperas. Uma visão promissora ou uma fantasia irrealística?'⁸, o evento motivou mais de uma centena de apresentadores a debater sobre

⁷ "Cities are attractive!"

⁸ "Cities for Everyone. Livable, healthy, prosperous. Promising vision or unrealistic fantasy?"

a busca por uma utópica *felicidade*, sob a premissa de que essa felicidade poderia ser repassada às pessoas pelas cidades.

Não estariam divagando. As ações de *city marketing* que cada vez mais acompanham as operações urbanas contemporâneas se tornaram tão intensas, que elas próprias já se bastariam para explicar uma busca por felicidade, carregada a reboque do planejamento das cidades de hoje. E não é para menos. O que é presentemente investido no marketing de cidades justifica plenamente a expectativa por algum tipo de retorno, no mínimo, em termos de que as cidades ofereçam algum *escapismo* mais consolidado, um escapismo que ajude a atenuar a realidade enfadonha do cotidiano. E é mais sintomático ainda aperceber-se que o escapismo agora se tornou correto. Humanistas clássicos como o geógrafo Yi Fu Tuan, por exemplo, notável por suas elaborações a respeito do fenômeno de 'nós e os outros e o ambiente', discorre sobre escapismo com surpreendente convicção em um de seus livros mais recentes, lembrando, ainda em seu preâmbulo, que "todos nós gostamos de ser especiais. Ainda que, num nível mais profundo, ser especial ou único, seja intolerável. Provoca desconexão, solidão, e vulnerabilidade. Submergir o *self* em um grupo para assim *escapar* de sua singularidade (...) é uma necessidade humana compulsória"⁹ (TUAN, 1998). Não bastasse a realização da Conferência Internacional mencionada acima, convocada por instituições merecedoras de reconhecido prestígio, como CEIT (Central European Institute of Technology, Department for Urbanism, Transport, Environment and Information Society); ISOCARP (International Society of City and Regional Planners); e CORP (Competence Center of Urban and Regional Planning), nossa atual sociedade vem sendo surpreendida com rumores persistentes de que a felicidade ainda é possível. E que as cidades têm tudo a ver com essa possibilidade.

Com efeito, felicidade urbana pode não ser apenas outra utopia engendrada pelos planejadores para atrair cidadãos junto aos circuitos de venda dos corretores imobiliários. Ou vice-versa. O *Royal Institute of British*

⁹"We all like to be special. Yet at a deep level, being special or unique is intolerable. It makes for disconnectedness, loneliness, and vulnerability. Submerging the self in a group, thus *escaping* from one's singularity, frailty, and openness to change, is a compelling human need."

Architects-RIBA (Instituto Real de Arquitetos Britânicos) parece olhar seriamente para o tema, como sugere o livro 'Building Happiness', editado por Jane Wernick (2008) e incentivado sob encomenda daquele Instituto. O livro traz os pontos de vista de um número variado de autores e de profissionais sobre a busca da felicidade como um objetivo político determinado, e aborda o assunto com ênfase sem precedentes, oferecendo um conjunto de argumentos focados na busca da felicidade em termos de comportamentos urbanos. É interessante notar que, na maioria das discussões, a *atratividade das cidades* passa a ser entendida como o poder de produzir felicidade, fazendo com que essa produção passe a ser entendida como uma qualificação – o que acabaria elevando o ranking alcançado por uma cidade na concorrência com suas rivais. E concorrência, como se sabe, é o que não falta na contemporaneidade das cidades. Avanços na teorização da contemporaneidade do urbano, por outra parte, parecem concordar em um ponto: aceitar-se que a produção de *lugares* novos recém-inventados (ou seja, como complexos de múltiplos usos, shoppings temáticos, áreas históricas reformatadas etc.) se tornaram atores tão importantes na busca da felicidade nas cidades que, hoje, podem ser incluídos no rol de fatores que regulam o cotidiano *existencial* das pessoas. O filósofo suíço Alain de Botton (2007) concorda com isso e lança o livro *A Arquitetura da Felicidade*, onde propõe que todo o estilo arquitetônico fala de uma compreensão de felicidade. Em outras palavras, fala de como as pessoas são influenciadas de forma profunda e decisiva pela arquitetura à sua volta, seja a do lar, a do trabalho ou a das ruas. Sucesso de público e de crítica em todo o mundo por sua maneira peculiar de falar de filosofia a partir de aspectos da vida cotidiana, De Botton foca a contemporaneidade, embora sem ressaltar o papel extraordinário exercido pela *presença das próprias pessoas* na vivência desse novo cotidiano. Das outras pessoas. Porque não é apenas o estilo e a aparência de cada construção e dos objetos que a preenchem que afetam a sensibilidade, o humor e até mesmo a personalidade dos humanos. São as relações interpessoais que se processam nesses ambientes. Nesses ambientes de convívio. De convívio *com os outros*.

É juízo do presente trabalho que, caso se confirme, a tal de felicidade deverá vir necessariamente associada à presença dos outros nas cidades. Isto é, será decorrente das interações sociais, mais do que de qualquer outra causa. Interações que, na maioria absoluta das vezes, se passa em ambientes desenhados para a geração de *lugares de urbanidade*, como constatado no âmbito de disciplinas correlatas à nossa: "Psicologia arquitetural, psicologia ambiental, estudos pessoas/ambiente, fatores humanos de design ou 'environics psicoestrutural', chame-as como quiser, têm se voltado explicitamente para a criação de ambientes melhores, mais felizes e mais humanísticos"¹⁰ (MIKELLIDES, 2008:86).

Correto, a felicidade pode ser os outros – só que o inferno *também* são os outros.

Se ressuscitados, Sartre confrontaria Foucault na cidade de hoje e, embora mal a tivessem conhecido com maior intimidade, demonstrariam boa familiaridade com o que se vem dizendo como teorizações sobre sua contemporaneidade. Sartre fez os personagens de *Huis-Clos* interagir confinados no cárcere das portas fechadas de um lugar, ressaltando a necessidade que cada indivíduo tem do 'outro' para o reconhecimento social que lhe permita estabelecer sua intrínseca identidade. É tentador, então, extrapolar o confinamento desse lugar ao do nosso cotidiano – ao cotidiano onde vivemos encerrados na clausura de uma cidade. Foucault, de outra parte, contempla e admira a heterotopia, entendendo-a também como o uso por diferentes grupos étnicos ou sociais de um lugar onde convergem os 'outros', as 'alteridades'. Ao contrário das utopias – abstratas, puras, lógicas, verdadeiros não-espacos – as heterotopias seriam espacos reais, muito típicos do século XX, contenedores de toda uma estranha mistura de elementos díspares e de pessoas diferentes reunidas aparentemente sem lógica alguma (como em *shopping malls*, museus, grandes estações de transporte), mas de cuja interação, despontam eventos que "ajudaram a trazer ao mundo uma sociedade pós-moderna"¹¹ (SHANE, 2011:346). Ou,

¹⁰ "Architectural psychology, environmental psychology, people/environment studies, human factors of design or psychostructural environics, call what you may, has been concerned explicitly in making better, happier and more humane environments."

¹¹ "(...) have helped bring a postmodern society into the world."

em outros termos, passa a vicejar uma contemporaneidade notadamente mutante nas cidades: o fenômeno da criação *de lugares inventados* (CARMONA *et al*, 2003), uma das marcas mais características do urbanismo dessa Pós-modernidade tão tipicamente multidisciplinar.

As heterotopias podem conter um componente revelador: a cidade deverá resistir e perseverar porque, no mínimo, os outros sempre trarão encanto para a cidade. Porque na raiz – na essência – a cidade são os outros, a cidade é heterotopia. E enquanto o ser humano continuar social, o lócus das relações interpessoais – a cidade – irá subsistir. Acaba bastante reconfortador o entendimento que Shane, alimentando-se de Foucault, nos passa sobre as atuais heterotopias urbanas, dizendo: a metrópole fragmentada de hoje seria composta por um fenômeno morfológico representado por lugares extraordinários – pelas heterotopias – que seriam “frequentemente modelos miniaturizados de uma ecologia urbana, uma pequena cidade dentro de uma cidade”¹². A heterotopia, além disso, seria constituída por “atores múltiplos, cada um com seus próprios espaços e códigos, todos dentro de um único perímetro. (...). Atores múltiplos podendo interagir dentro de uma heterotopia, tentar novas combinações e experimentações, sem perturbar o todo da ecologia urbana”¹³ (SHANE, 2011:37-8).

3. Como o desenho urbano vem absorvendo contribuições extra-disciplinares

Não se precisa ser um especialista em estudos urbanos para perceber que as cidades de hoje experimentam uma nova tendência em termos de oferta de atratividade, tendência cada vez mais presente nas principais cidades globais, no mundo todo, e em todos os cinco continentes. Não há nada de intrinsecamente novo sobre isso, no entanto: sempre há algo a atrair as

¹² “(...) often miniature models of an urban ecology, a small city within a city.”

¹³ “(...) multiple actors, each with their own spaces and codes, all within one perimeter. (...). Multiple actors could interact inside the heterotopia, try new combinations and experiment, without disturbing the whole urban ecology.”

pessoas na direção de determinadas locações, pelos mais diversos e inesperados motivos.

Nunca chegou a surpreender ver levas de fiéis dirigindo-se a Lourdes, na França, por exemplo, simplesmente por que é compreensível captar sua felicidade de estar em um lugar onde um milagre uma vez foi presenciado. Da mesma forma, em tempos mais antigos, romanos afluíam ao Coliseu para assistir cristãos sendo esquartejados por leões famintos apenas pela emoção do evento (para eles, isso também era uma fonte de felicidade). Tanto Lourdes como Roma são consideradas atraentes, embora por padrões bem diferenciados. Reside aí um primeiro truísmo importante que ajuda a entender a tênue diferença entre emoção e felicidade, "emoção não sendo necessariamente igual à felicidade" ¹⁴ (SCHWARTZ, 2008:136). A atratividade das cidades, porém, tanto almeja dar emoções quanto produzir alegria, e ambas têm a ver com a busca da felicidade, um alvo frequentemente incluído dentro da ética de consumo que permeia profundamente os ideais da sociedade deste vigésimo primeiro século. Ser é ter, de acordo com os princípios de nossa sociedade. Mas, *ser* feliz muitas vezes se confunde com *tendo* algo (bem oposto ao *sendo* 'heideggeriano', por sinal). Assim, cidades competem entre si para terem atrações a oferecer aos visitantes, bem como para os moradores. Essa competitividade já se tornou reconhecida como uma área de interesse específico nos estudos urbanos, onde autores, como Simon Anholt, desenvolvem longas elaborações sobre o tema (ANHOLT, 2003; 2010). Suas argumentações, basicamente, se instruem a partir da noção de *marcas* ('brands') que as cidades lutam para adquirir em seu processo de competitividade. Na verdade, competições parecem estar na ordem do dia entre as cidades de hoje, surgindo verdadeiros emblemas definidores de lugares marcantes na paisagem global. Alguns buscam, por exemplo, consagrar Paris como a cidade-luz, Nova York, como a capital cultural do mundo, ou o Rio de Janeiro, como o reino do Carnaval. Claro que nessa competição figura com destaque a oferta de alegria, isto é, as cidades tentam seduzir pessoas em termos da quantidade de felicidade que são supostamente capazes de oferecer.

¹⁴ "(...) thrill not necessarily equaling happiness (...)"

Curiosamente, então, altos níveis de atratividade seriam atribuídos à força trazida pela quantidade de 'lugares felizes' de que são capazes de produzir. E toca ao desenho urbano a missão de criá-los. Uma das características mais marcantes reside justamente no fenômeno de que esses lugares felizes são lugares onde se reúnem muitas pessoas, ou seja, são lugares onde convivemos com os outros. Eles são o que mentalmente se constrói como um *lugar de pluralidade*,

O lugar do lazer, do prazer, da mistura, do contrastante, dos 'outros', das diferenças, ou seja, daquela almejada diversidade que Jane Jacobs cobra tão acirradamente dos urbanistas da corrente Modernista; ou a sociabilidade espacial pela qual William H. Whyte sempre batalhou com profundo ardor; ou, ainda, até mesmo a materialização dos espaços que configuravam a escala gregária do setor central de diversões previsto por Lúcio Costa para Brasília (CASTELLO 2007:23).

São lugares plurais marcados por uma fortíssima *urbanidade*, qualidade poucas vezes recebedora de definições mais duradouras, mas – sempre – exclusivamente intrínseca às cidades. Em sua essência – nunca é demais lembrar – *urbanidade* pode ser definida como a qualificação vinculada à dinâmica das experiências existenciais conferidas às pessoas pelo uso que fazem do ambiente urbano público, através da capacidade de intercâmbio e de comunicação de que está imbuído esse ambiente.

É interessante notar a crescente preocupação que alguns autores manifestam em relação ao predomínio do sentido da visão na percepção dessas qualidades urbanas. Não é demais lembrar que há uma participação extremamente substancial da percepção tátil a conferir uma certa *porosidade* ao desfrute da urbanidade. Há autores, como Juhani Pallasmaa, que defendem até com veemência científica a manifestação de corporeidade na relação com os outros nas cidades, atribuindo um papel preponderante a um "(...) continuum tátil do self (...). Nosso contato com o mundo acontece na linha divisória do self através de partes especializadas de nossa membrana envolvente¹⁵ (PALLASMAA, 2012: 12). O autor reitera que "Independentemente de nossos avanços tecnológicos e das realidades virtuais, continuamos sendo biológicos – ou, melhor dizendo – bio-culturais

¹⁵ "(...) haptic continuum of the self (...). Our contact with the world takes place at the boundary line of the self through specialised parts of our enveloping membrane."

e históricos”¹⁶, esclarecendo ainda que “O comportamento humano e a interação social são provocados, em essência, por espacialidades, e regulados pela utilização inconsciente do espaço que leva a uma direta comunicação química inconsciente, entre as glândulas de pessoas que se encontram próximas” ¹⁷(PALLASMAA, 2009:127).

Acresce-se a isso que o ambiente urbano público mudou – e mudou consideravelmente.

4. A polissemia do termo ‘público’ na expressão *espaço público*

É inquestionável que um dos tópicos de maior relevância nas discussões urbanísticas contemporâneas – melhor ainda, um dos temas que nessas discussões encontra foros para debates mais quentes – é o dos novos *espaços de convívio público* das cidades. A começar, pelo preciso entendimento do que venha a ser, afinal, um espaço *público* nos dias de hoje. Isto porque, na atualidade, dificilmente se atribuiria à expressão espaço público o mesmo sentido que lhe era atribuído em outros tempos, como por exemplo, no dos arquitetos do Urbanismo Modernista. Os espaços de acesso público nas cidades atuais incluem uma gama extremamente variada de características. François Ascher, um dos pensadores mais celebrados dos últimos tempos, precocemente desaparecido, enunciava que se está frente a uma nova maneira de perceber o que é público e o que é privado, ponderando que, em muitas situações, o caráter público de um lugar lhe é conferido pelas *práticas sociais* que nele são protagonizadas. Com isso, atribui o caráter público de um lugar ao fenômeno de ali se ter conformado um determinado *ambiente comportamental*. Diz o filósofo: “São ainda os ‘passantes’ que, por suas atividades e suas ‘interações’, dotam o espaço de seu caráter público, especialmente por suas ‘micro práticas’ feitas de movimentos, jogos e posturas corporais, orientações do olhar” (ASCHER,

¹⁶ “Regardless of our advanced technologies, digital communication, and virtual realities, we continue to be biological – or I should rather say – bio-cultural and historical beings.”

¹⁷ “Human behaviour and social interaction are essentially spatially triggered and regulated from the unconscious utilization of space to the direct unconscious chemical communication between the glands of persons at close distances.”

1995:257-8) ¹⁸ . Transparece na asserção, com bastante clareza, o entendimento de quanto é válido ponderar que a cidade são os outros.

Hannah Arendt, a filósofa germano-americana, atribuía ao *espaço público* a condição de ser o lugar específico aonde as pessoas (em toda sua imensa diversidade – ricos, pobres, brancos, negros etc.) poderiam (e deveriam) ser vistas e ouvidas. A atraente revisão de Arendt recentemente realizada pelo grupo de pesquisa liderado por Tom Avermaete e seu grupo de pesquisa na Delft University of Technology, Holanda, traz, de maneira inquietante, como é possível encontrar-se hoje, no trabalho de Arendt, a ideia de que esse *espaço público* não requer necessariamente constituir-se materialmente por uma *ágora* como na Grécia Antiga; ou por um *fórum* como na Roma Clássica; ou simplesmente, por um *espaço* euclidiano propriamente dito. Para Arendt, a esfera pública pode assumir muitas formas. Pode até mesmo tomar a forma de uma *mídia*, pode ser até uma mídia escrita, um jornal, não precisa envolver *espaço* – pode trazer uma enorme contribuição para a cultura local, para motivar ações, para transportar informação. Exercer *urbanidade*. E, assim, criar pequenos espaços públicos onde os cidadãos podem pensar juntos temas de natureza conjunta, de natureza coletiva, coisas comuns, públicas, interagindo dentro de um todo percebido como uma única 'esfera pública'. Avermaete tem outra reflexão que traz ainda mais *food for thought*. Invocando Habermas, lembra que a esfera pública tem um veículo basilar nas *mídias* de massa (jornais, TV, livros), informando sobre ideias, demandas, protestos, meios que têm força de congregar muita gente e de habilitá-los a discutir assuntos de interesse público. Do que decorre uma inquietação nova: a Internet, ao fornecer condições para exercer funções semelhantes às das mídias de massa, também permite a geração de uma *esfera pública* aespacial. Hoje, mais do que nunca, o espaço de uma praça (o lugar da praça) ou o editorial de um jornal não necessitam uma locação espacial fixa. Uma multidão de pessoas pode ser mobilizada em curtíssimo espaço de tempo, numa ação que alguns já chamam de '*flash mob crowd*' e que o

¹⁸ Ce sont aussi les 'passants' qui, par leurs activités et leurs 'interactions', dotent l'espace de son caractère public notamment par des 'micro-pratiques' faites de mouvements, de jeux et de postures du corps, d'orientations du regard.

grupo de holandeses, mais contidamente, denomina de 'adhocracia'. Ponto bastante instigante a salientar é o fato de que os arquitetos continuam necessitando, quase de forma mandatória, "(...) enfrentar o desafio de moldar o espaço público – desde a piazza até a Plaza. De fato, os arquitetos se encontram buscando ativamente por respostas para essas questões, por novas formas nas quais alojar a vida pública contemporânea" ¹⁹ (AVERMAETE et al. 2009:19). Aonde locar o encontro com os outros.

5. Colagem de fragmentos. Heterotopias fragmentárias como fator de atratividade das cidades?

Ao fim e ao cabo, porém, parece que pelo menos um diferencial pode ser inicialmente apontado: é passível aceitar-se que mais do que nunca, a felicidade se encontra presentemente *à venda* nas cidades contemporâneas. Isto é uma característica bem típica (embora conscienciosamente cínica) da contemporaneidade urbana.

Com efeito, as oportunidades (e oportunismos) de pôr felicidade à venda são muito bem captadas pelos grandes produtores das cidades contemporâneas: as gigantescas corporações, que assumem como agentes finais as responsabilidades pela farta oferta de enormes – e seguros – equipamentos urbanos, permanentemente introduzidos aos cotidianos das cidades. Aos arquitetos contemporâneos resta uma das tarefas mais difíceis no processo: tentar equilibrar como se dará a oferta de felicidade dentro de um sistema proporcionalmente novo de relações entre *espaço público* e *espaço privado*. Porque permanentemente continuarão surgindo novos quesitos, alguns até impondo riscos à sadia continuidade da *relação com os outros* nas cidades. A jornalista inglesa Anna Minton, por exemplo, observa que os novos *lugares* (os *invented places*) se encontram cercados por tantos mecanismos de segurança que, às vezes,

(...) também ocorrem perigos psicológicos na criação de lugares dotados de muita segurança e que, como resultado, se tornam muito protegidos e controlados. O problema é que esses ambientes removem responsabilidades pessoais, minando nossa relação com o

¹⁹ "(...) face the challenge of shaping public space – from piazza to Plaza. Indeed, architects are actively searching for answers to these questions, for new forms in which to house contemporary public life."

entorno e com os outros, removendo a interação continuada, quase subliminar, com estranhos, que é parte de uma vida urbana saudável.”²⁰ (MINTON 2009: 33).

Mas, mesmo assim, há perspectivas.

Enfim, é viável concluir que:

da atratividade das cidades e de seu empenho pela oferta de felicidade;

da polissemia sempre crescente a imiscuir o que é público com o que não é público, no ambiente urbano contemporâneo;

da estruturação urbana composta por heterotopias fragmentárias, compreendendo uma multiplicidade de atores;

de tudo isso combinado, brotam irresistíveis provocações à curiosidade dos pesquisadores urbanos.

Sucumbir a essa curiosidade faz elucubrar raciocínios arriscados (porém, fascinantes).

Um deles seria considerar que a cidade é tão fortemente marcada pela convivência interpessoal que as próprias interações que se desenrolam no interior das heterotopias acabarão por provocar um ‘derramamento’ de sua energia, esparramando-a para seus entornos. [E caso Julian Assange não imponha nenhum óbice nem estipule qualquer interdição, fica combinado que a denominação desse novo fenômeno passe a se chamar ‘PlaceLeaks’ (CASTELLO, 2012)].

A mensagem conclusiva a passar será a de que sempre haverá lugar para novos lugares nas cidades contemporâneas, lugares cuja gênese se dá de forma relativamente espontânea e que se localizam no que vem sendo chamado de *loose space* – que pode ser tentativamente traduzido como ‘vazios urbanos’. A expressão é tirada do livro ‘Loose Space’ editado por Karen Franck e Quentin Stevens (2007) e, em síntese, significa aqueles espaços urbanos nos quais ocorrem usos inesperados, que diferem dos usos pré-determinados oficialmente para aquele setor da cidade (como uma

²⁰ “(...) there are psychological dangers as well in creating places which have too much security and as a result are too safe and too controlled. The problem is that these environments remove personal responsibility, undermining our relationship with the surrounding environment and with each other and removing the continual, almost subliminal interaction with strangers which is part of healthy city life.”

calçada usada para trocas comerciais de bens e serviços; ou como um *brownfield* usado como área para prática de *skate*).

É bastante frequente encontrar-se junto às margens das espetaculares mega-intervenções de hoje em dia uma continuidade do *sentido de lugar* gerado pela intervenção que, por extensão, 'contamina' seus entornos, conferindo-lhe também animação e, quem sabe, até gerando *urbanidade*. Assim, o 'vazamento' da energia de um lugar pode se aninhar na sua interface, ocupando um '*loose space*' vizinho.

Não é difícil imaginar uma situação dessas na realidade, como demonstram as ilustrações apresentadas a seguir (Figuras de 5 à 14). Com isso, a ideia de usar o tal de '*PlaceLeaks*' como fonte de oferecer às pessoas um novo lugar público no repertório de lugares da cidade pode se tornar uma realização concretizável na área de Arquitetura-Urbanismo.



Figura 5. O museu Tate Modern em Londres, ícone da rearquitetura de velhas edificações, estende sua energia como lugar de urbanidade ao seu entorno. *Foto: Autor*



Figura 6. Um 'loose space' ao redor da Tate Modern, Londres, oferece um típico exemplar de *PlaceLeaking*. Foto: Autor



Figura 7. O icônico *London City Hall* é um típico lugar de encontro com os outros para quem quer desfrutar urbanidade. Foto: Autor



Figura 8. Mas, os arredores do *London City Hall* também apropriam o derramamento da energia do ícone, despertando o efeito *PlaceLeaks*. *Foto: Autor*



Figura 9. A Usina do Gasômetro, Porto Alegre, já é um lugar de urbanidade tão plural, que até acolhe a coletividade nas celebrações do Natal. *Foto: Autor*



Figura 10. E a 'energia' (medida em urbanidade) da Usina do Gasômetro, Porto Alegre, produz um *PlaceLeaking* que se estende por quilômetros. *Foto: Autor*



Figura 11. 'High Line', a nova *darling* dos nova-iorquinos, já se assume como um poderoso e legítimo lugar de urbanidade. *Foto: Autor*



Figura 12. Enquanto embaixo da 'High Line', numa sobra desocupada de espaço, também viceja a urbanidade, estabelecida através de *PlaceLeaking*. *Foto: Autor*



Figura 13. A Opera de Sydney é um *lugar* consagrado, como estamos cansados de saber. *Foto: Autor*



Figura 14. O entorno da Opera de Sydney agora é também um lugar de urbanidade, resultado de um contagiante *PlaceLeaks*. Foto: Autor

Especula-se, então, que o emprego inteligente do fator '*PlaceLeaks*' possa favorecer um início de resposta ao problema enfrentado pelos arquitetos, visto que estes "(...)se esforçam por buscar novas configurações aonde acomodar a vida pública, enfatizar formas já existentes aonde a vida pública continua a ter lugar, ou buscar novos modelos que tragam mudanças às práticas públicas"²¹ (AVERMAETE et al, 2009:11).

Enfim, pode fazer nisso tudo até uma hipótese oculta: nas cidades dos milhões de outros é possível derramar a energia gerada pela interação com os outros, para diferentes milhões de outros situados em seus arredores, com esses outros capazes de gerar outros lugares, em seu entorno. E com as sobras de energia desses lugares, produzir uma feliz cidade para vocês também!

²¹ "(...) strive towards new figures in which to accommodate public life, emphasize existing forms in which public life continues to take place, or search for new approaches to changing public practices."

Referências

ANHOLT, S. **Brand New Justice: The Upside of Global Branding**. Oxford: Butterworth-Heinemann, 2003.

ANHOLT, S. **Places: Identity, Image and Reputation**. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2010.

ASCHER, F. **Métapolis ou L'Avenir des Villes**. Paris : Odile Jacob, 1995.

ASCHER, F. **Les Nouveaux Principes de l'Urbanisme**. Paris: Éditions de l'Aube, 2004.

AVERMAETE, T.; HAVIK, K.; TEERDS, H. **Architectural Positions. Architecture, Modernity and the Public Sphere**. Amsterdam: SUN Publishers, 2009.

CARMONA, M. et al. **Public Places - Urban Spaces**. Oxford: Architectural Press, 2003.

CASEY, E. S. **The Fate of Place. A philosophical story**. Berkeley: University of California Press, 1998.

CASTELLO, L. **A Percepção de Lugar**. Repensando o conceito de lugar em arquitetura-urbanismo. Porto Alegre: PROPARG/UFGRS, 2007.

CASTELLO, L. *PlaceLeaks: a passage to place*. In **Bulletin of People-Environment Studies**, No.38 Spring 2012 p.43-4.

CASTELLO, L. **Rethinking the Meaning of Place**. Conceiving place in architecture-urbanism. Farnham: Ashgate, 2010.

CHOAY, F. *Le regne de l'urbain et la mort de la ville*. Catalogue of the exhibition: **La Ville. Art et Architecture**. Paris: Centre George Pompidou, 1994, p.26-35.

De BOTTON, A. **A Arquitetura da Felicidade**. Trad.: Talita Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

FRANK, K. and STEVENS, Q. (eds.). **Loose Space. Possibility and diversity in urban life**. Londres/Nova York: Routledge, 2007.

GLAESER, E. **Triumph of the City. How our greatest invention makes us richer, smarter, greener, healthier, and happier**. Nova York: Penguin Press, 2011.

KOOLHAAS, R. et al. (eds.). ***The Harvard Design School Guide to Shopping***. Cologne: Taschen, 2002.

MIKELLIDES, B. ***The Love Affair between Psychology and Architecture***. In J. Wernick (ed.). *Building Happiness*. Londres: Black Dog, 2008, p.86-97.

MINTON, A. ***Ground Control. Fear and happiness in the twenty-first century city***. Londres: Penguin Group, 2009.

PALLASMAA, J. ***Inhabiting Space and Time – the Loss and Recovery of Public Space***. In Tom Avermaete et al. (eds.) 2009, op. cit., p.125-133.

PALLASMAA, J. ***The Eyes of the Skin. Architecture and the senses***. 3rd edition. Chichester: Wiley, 2012.

SASSEN, S. ***The Global City***, in Rem Koolhaas et al. *Mutations*. Bordeaux: ACTAR, 2001, p.104-115.

SCHWARTZ, M. ***Happiness in the Landscape***. In J. Wernick (ed.). *Building Happiness*. Londres: Black Dog, 2008, p.134-139.

SHANE, D. G. ***Urban Design Since 1945. A Global Perspective***. Chichester: Wiley & Sons, 2011.

TUAN, Y. ***Escapism***. Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1998.

WERNICK, J. (ed.). ***Building Happiness. Architecture to Make You Smile***. Londres: Black Dog, 2008.